

# Escola no Pará ainda usa palmatória

*Alunos de duas professoras levam bolos se errar as lições de matemática e português. Especialistas condenam. Alguns pais aprovam*

Ullisses Campbell  
Especial para o **Correio**  
e Marina Oliveira  
Da equipe do **Correio**

**B**elém (PA) — Duas professoras da escola estadual Camilo Salgado, em Belém, estão submetendo 160 alunos de quatro turmas da primeira série a um instrumento de tortura que muitos pedagogos acreditavam não existir mais: a palmatória. Claudomira Célia e Valdirene Cardoso, 35 anos, usam há mais de dez anos a pedagogia do chinelo para melhora da aprendizagem de estudantes que repetiram de ano.

Nas turmas de Claudomira, as aulas sempre terminam com um exercício. No último deles, 42 alunos responderam 10 questões de Matemática. Quem acertou tudo, escapou ileso. Os outros levaram seis *bolos* em cada mão aplicados com uma palmatória feita de madeira polida, medindo 55 centímetros.

Na questão número três do exercício, as crianças deveriam fazer a correspondência entre os algarismos romanos e os arábicos. Raquel Paraguassú, 9 anos, tropeçou na matemática e ligou o catorze romano ao 19. Resultado: sete bolos em cada uma das mãos. A sessão de tortura levou a menina às lágrimas e deixou a palma das mãos vermelhas e inchadas.

A mãe, Sandra Paraguassú, 30 anos, assistiu a tudo enquanto esperava para levar a menina para casa. Acostumada com a cena, repetida três vezes na última semana, ela garante não concordar com o método da professora. Mas não denuncia. “Tenho medo que Raquel perca a vaga”, justifica. “Já cheguei a chorar junto com minha filha de tão fortes que eram as pancadas”, lembra.

## EXCESSOS

Cristiano dos Santos, 9 anos, estuda na turma de Valdirene Cardoso. “Ela não bate só na mão, usa uma ripa de madeira polida com cera para surrar nossas costas e pernas”, denuncia. Segundo o menino, as aulas de Português são as piores. “Se gaguejar ou errar na hora de ler para a classe, entra no pau”.

O barulho das pancadas chega a incomodar as crianças da sala ao lado. “As ripadas da professora Valdirene são mais fortes. A gente ouve daqui”, diz Viviane Nazaré dos Santos, 13 anos, e aluna da quinta série.

Mas a violência não fica no plano físico. Josué Machado, 11 anos, reclama do abuso verbal das professoras que chamam os alunos de burros e preguiçosos a todo momento.

A professora Claudomira Célia assume publicamente usar palmatória nas crianças da primeira série do Colégio Estadual Camilo Salgado. “Tudo o que aprendi na escola foi com palmatória, nem por isso morri”, justifica, minimizando os efeitos da violência sobre os alunos.

Professora do estado, Claudomira não tem curso superior e ganha R\$ 350,00 por mês para dar aulas a duas turmas, com 45 alunos cada. Segundo ela, os pais dão apoio total aos seus métodos pedagógicos. E acrescenta: “Todos os meus alunos são repetentes”. “O Josué”, aponta, “está há quatro anos na primeira série”.

Para mostrar sua popularidade entre os pais, Claudomira afirma que existem inúmeros pedidos na secretaria da escola de famílias querendo colocar os filhos em sua turma. “Não faço nada escondido. Bato na frente dos pais. Dei seis bolos na Raquel na presença da mãe dela porque ela é uma aluna muito preguiçosa”, orgulha-se a professora.

## EQUÍVOCO

Rui Darci Teixeira, 33 anos, vendedor ambulante e pai de Josué, concorda com a professora. “Meus filhos são muito danados e uns puxões de orelha não fazem mal a ninguém”, resume. Ele co-

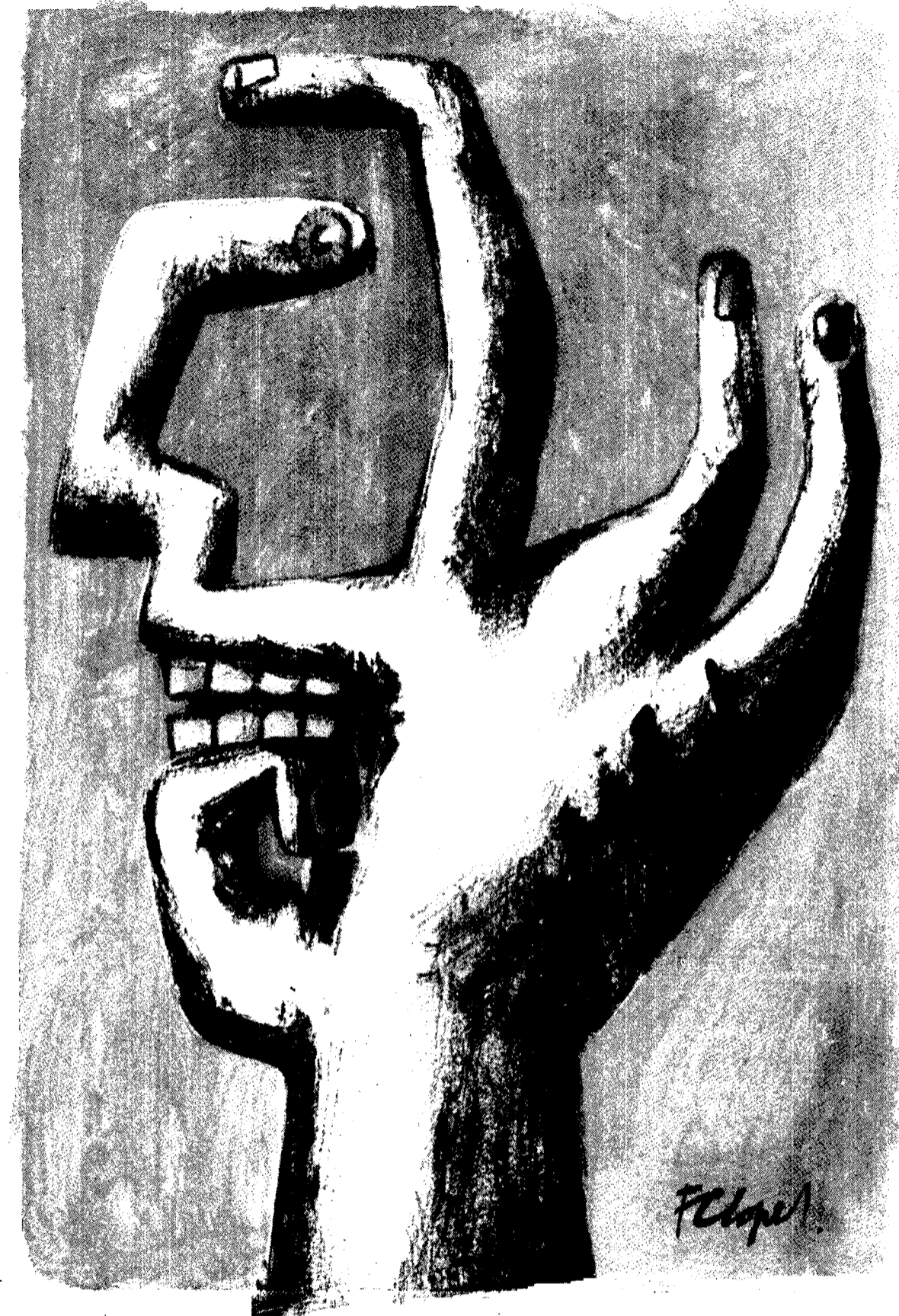
memora a mudança no comportamento do filho desde que começou a estudar com Claudomira. “Antes, chegava em casa e corria logo para rua. Agora, vai direto para o quarto com medo de levar bolo de palmatória”, comenta satisfeito.

Educadores e especialistas em desenvolvimento infantil e da inteligência vêem de maneira diferente o método das professoras de Belém. “Ninguém aprende nada de verdade na base da pancada”, afirma Socorro Lima, pedagoga especial.

Segundo ela, o momento mais importante na aprendizagem é a internalização. Se a criança recebe um conceito da professora e depois não consegue aplicá-lo, não aprendeu nada. “Vira uma repetição mecânica. O menino decora para escapar do castigo, mas fica só nisso”, completa.

As reações dos alunos à violência variam de acordo com a estrutura familiar e a própria personalidade. Mas existem dois caminhos extremos, comuns nesses casos. “Ou a criança se tornará uma pessoa passiva, incapaz de ter opiniões próprias; ou terá aversão à experiência e responderá com pancadas e até abandono da escola na primeira oportunidade”, diz Margaret Leivas, psicanalista infantil.

Barbara Vitale, do Meta Intelligen-



ce Institute de Nova York, especialista em desenvolvimento da inteligência, alerta para um perigo ainda maior. Segundo ela, esse tipo de comportamento do professor pode provocar um bloqueio total na criança. “A escola pode nunca mais conseguir ensinar nada para esse aluno”, garante.

## INVERSÃO

Os pais também não escapam da crítica dos especialistas. Segundo eles, delegar à escola a autoridade para usar a força física contra as crian-

ças é uma distorção. “A professora fica com um poder excessivo nas mãos, numa inversão absurda dos papéis sociais”, resume Margaret.

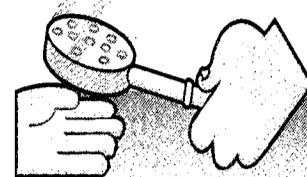
Ela admite, no entanto, que muitas vezes a família não possui muita instrução e acredita que o professor, por menos que tenha estudado, sabe o que é melhor para a criança. “Usar desse tipo de artifício para cometer crueldades em sala de aula chega a ser uma perversão”, conclui.

O coordenador das promotorias de Defesa da Infância e Juventude do Ministério Público do Pará, Roberto

Souza, disse que irá apurar a denúncia contra as duas professoras do colégio Camilo Salgado. O artigo 233 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê reclusão de um a doze anos para quem submeter uma criança sob sua autoridade, guarda ou vigilância à tortura.

Segundo Roberto Souza, desde que a promotoria foi criada, há oito anos, nunca chegou denúncia de professoras que utilizam a palmatória. “Chega muita denúncia de maus-tratos cometidos em casa, não na escola”, afirma.

## PARA SABER MAIS



## INSTRUMENTO MEDIEVAL

“Palmatória — pequena peça circular de madeira, com cinco orifícios dispostos em cruz, provida de cabo.” Assim consta do dicionário Aurélio. Mas a história já foi outra.

Também conhecida como fêrula, o termo palmatória originalmente vem da palavra francesa freule — planta com uma folha grande em formato de palma. Os professores tocavam as mãos dos alunos com a planta.

Como as pessoas iam à escola para aprender a escrever, acreditava-se que bater nas mãos chamaria a atenção para erros e distrações. Achavam que se batessem nas nádegas, o gesto teria um sentido sexual.

A idéia foi adaptada para provocar dor, na Idade Média, encaixando-se na filosofia repressora da época. Muitas mentes brilhantes ocupavam seu tempo inventando modelos diferentes de palmatória. Quanto mais dor, melhor. A perfeição foi atingida com um modelo que tinha as duas faces ásperas e por isso deixava marcas nas mãos dos alunos desleixados.

Mas a tortura na escola ganhou contornos diferentes com a modernidade. Primeiro, surgiram as chapéus usados para destacar os piores da turma. Depois, apareceram os rituais comuns nos colégios católicos. Todos os alunos eram reunidos em um grande auditório e o diretor anunciava o nome completo e respectiva nota de cada estudante, seguido dos devidos adjetivos de louvor ou vergonha.